

“O GENERAL EM SEU LABIRINTO”: A IMAGEM LITERÁRIA DE SIMON BOLÍVAR NA OBRA DE GABRIEL GARCIA MÁRQUEZ

Ricardo Bruno Boff¹
Romildo José de Almeida Júnior²

Resumo: A aproximação entre literatura ficcional e política é um campo com vastas possibilidades de exploração. Obras literárias podem contribuir para a compreensão de relações políticas e de seus personagens, como é o caso de “O general em seu labirinto”, de Gabriel Garcia Márquez, que explora a última viagem do libertador, de Bogotá a Santa Marta, na Colômbia. Este artigo teve como objetivo analisar a construção da imagem de Simon Bolívar na referida obra, no contexto da formação dos Estados latino-americanos do início do século XIX. O artigo tratou da relação entre literatura e política, da vida de Bolívar e de seu papel nas revoluções hispano-americanas de independência e na formação dos países, do mito gerado em torno de sua figura nos séculos XX e XXI, e da análise da obra “O general em seu labirinto”. Além desta, foram utilizados como fontes artigos, livros acadêmicos e escritos do próprio libertador. A análise, por fim, mostra como Garcia Márquez foi capaz de apresentar um Bolívar decadente e contraditório, em contraste com seus mitos e sua grandeza, enriquecendo a percepção das características humanas deste personagem tão importante da história da América Latina.

Palavras-chave: Literatura e política, América Latina, Simón Bolívar, Gabriel García Márquez.

“EL GENERAL EN SU LABERINTO”: LA IMAGEN LITERARIA DE SIMÓN BOLÍVAR EN LA OBRA DE GABRIEL GARCIA MÁRQUEZ

Resumen: La aproximación entre literatura de ficción y política es un campo con amplias posibilidades de exploración. Las obras literarias pueden contribuir a la comprensión de las relaciones políticas y sus personajes, como es el caso de “El general en su laberinto”, de Gabriel García Márquez, que explora el último viaje del libertador, desde Bogotá hasta Santa Marta, Colombia. Este artículo tuvo como objetivo analizar la construcción de la imagen de Simón Bolívar en la citada obra, en el contexto de la formación de los Estados latinoamericanos a principios del siglo XIX. El artículo abordó la relación entre literatura y política, la vida de Bolívar y su papel en las revoluciones hispanoamericanas de independencia y en la formación de los países, el mito generado en torno a su figura en los siglos XX y XXI, y el análisis de la obra “El general en su laberinto”. Además de esto, se utilizaron como fuentes artículos, libros académicos y escritos del libertador. Finalmente, el análisis muestra cómo García Márquez logró presentar un Bolívar decadente y contradictorio, en contraste con sus mitos y su grandeza, enriqueciendo la percepción de las características humanas de este personaje tan importante en la historia latinoamericana.

Palabras claves: Literatura y política, América Latina, Simón Bolívar, Gabriel García Márquez.

“THE GENERAL IN HIS LABYRINTH”:

¹ Possui graduação em Direito pela Fundação Universidade Regional de Blumenau, especialização em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Paraná, mestrado em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Santa Catarina e master (LLM) in International Trade Law pela Universidade de Torino, Itália.

² Graduado em Relações Internacionais pela Universidade do Vale do Itajaí.

THE LITERARY IMAGE OF SIMON BOLÍVAR IN THE WORK OF GABRIEL GARCIA MÁRQUEZ

Abstract: The approximation between fictional and political literature is a field with vast possibilities of exploration. Literary works can contribute to the understanding of political relationships and their characters, as is the case of "The general in his labyrinth", by Gabriel Garcia Márquez, which explores the liberator's last journey, from Bogotá to Santa Marta, Colombia. This article aimed to analyze the construction of Simon Bolívar's image in the work, in the context of the formation of Latin American States in the early 19th century. The article dealt with the relationship between literature and politics, the life of Bolívar and his role in the Spanish-American revolutions of independence and in the formation of countries, the myth generated around his figure in the 20th and 21st centuries, and the analysis of the work "The general in his labyrinth". In addition to this, articles, academic books and writings by the liberator were used as sources. Finally, the analysis shows how Garcia Márquez was able to present a decadent and contradictory Bolívar, in contrast to his myths and his greatness, enriching the perception of the human characteristics of this very important character in Latin American history.

Keywords: Literature and politics, Latin America, Simon Bolívar, Gabriel Garcia Márquez.

Introdução

Obras literárias têm o potencial de explorar particularidades de personagens históricos, de modo a contribuir para a compreensão do seu papel social e político. Esse é um trunfo do livro "O General no seu Labirinto", de Gabriel Garcia Márquez, o "Gabo", no qual Simón Bolívar aparece para além dos feitos políticos e do mito construído em torno dele: o autor apresenta a complexidade humana do personagem, situado entre a grandeza, a decadência e inúmeras contradições.

O período abordado por García Márquez é um dos mais importantes da história das Américas, pois corresponde ao processo de independência das nações latino-americanas e aos primeiros anos de construção dos novos países. Por isso, a obra faz referências ao papel de Bolívar como libertador, à sua atuação como presidente da Gran-Colômbia e ao seu sonho de unificar a América Hispânica em uma grande confederação. Gabo dá destaque a alguns personagens na vida de Bolívar, sobretudo Manuela Saenz, revolucionária que se tornou sua companheira até o fim da vida do libertador, e Francisco José de Paula Santander, político com o qual Bolívar teve uma relação marcante e complexa.

O artigo teve como objetivo geral analisar a construção da imagem de Simon Bolívar na referida obra, no contexto da formação dos Estados latino-americanos do início do século XIX. Para tanto, o texto foi dividido em três partes: na primeira, apresentou-se a análise da relação entre literatura e política; na segunda, tratou-se da vida de Simon Bolívar, com foco na sua atividade política e no mito construído em torno dele; na terceira, analisou-se a imagem literária de Bolívar presente na obra de

García Márquez. Dessa forma, foram utilizadas fontes acadêmicas, escritos do próprio Bolívar e, sobretudo, a obra “O general em seu labirinto”.

1. Literatura e política

Apesar de explorar o campo da ficção e da fantasia, a literatura é capaz de destacar aspectos da realidade que as publicações científicas têm dificuldades ou não são capazes de alcançar. Logo, obras literárias quando dispostas a retratar personagens reais, podem fazer uma leitura das características humanas mais sensíveis, as quais dificilmente aparecem em outros tipos de publicação. Ao retratar épocas históricas, a literatura pode sintetizar sensações e pensamentos então predominantes através de seus personagens, sejam eles fictícios ou baseados em pessoas reais (GONÇALVES, 2018).

A leitura ficcional, para Chartier (1999), não deve ser vista como um escapismo da realidade, mas sim como uma forma de compreendê-la. Ao ser construída com referências na história, a obra literária exerce um papel “sociopolítico”, ou seja, presta auxílio na construção de uma visão crítica da sociedade e da política.

Um exemplo dessa relação entre literatura e política, conforme Azevedo e Duarte (2014), está na obra “Os Embaixadores”, de Henry James, publicada em 1903. O romance retrata a missão do diplomata estadunidense Lambert Strether na Europa, dando destaque a seu deslumbramento com a aristocracia europeia e às transformações pessoais pelas quais ele passa. Devido à riqueza do texto na descrição das minúcias da diplomacia do final do século XIX, o historiador Timothy Hampton a utilizou como fonte no seu livro “*Fictions of embassy: literature and diplomacy in early modern Europe*”, no qual constrói a imagem, os costumes e os pensamentos que eram típicos da diplomacia dessa época.

A literatura também pode exercer uma função transformadora, quando se coloca de forma engajada na construção de algum movimento político ou identidade cultural. Esse tipo de literatura é chamado por Napolitano (2011) de “engajada³”, a

³ Napolitano (2011) diferencia a arte “engajada” da “militante”. Enquanto aquela promove a crítica sociopolítica de modo mais amplo, contribuindo à construção do pensamento; esta adere diretamente à defesa de determinadas agremiações políticas ou personagens, servindo como propaganda ou protesto contra a ordem estabelecida.

qual tem a finalidade de contribuir criticamente ao debate político. A crítica pode ser incorporada por meio de metáforas, ironias, anedotas ou situações ficcionais, revelando personagens e eventos típicos do período em que se passa a história.

Carvalho (1990) traz como exemplo de engajamento o romance “O Guarani”, de José de Alencar, publicado em 1857, que buscava definir uma identidade nacional para o Brasil, a partir da relação entre uma jovem de pele clara e um chefe indígena. Nas palavras de Carvalho (1998, p. 23), “A união de duas raças num ambiente de exuberância tropical, longe das marcas da civilização europeia, indicava uma primeira tentativa de esboçar o que seriam as bases de uma comunidade nacional com identidade própria”.

A obra de Gabriel Garcia Márquez, em diversos momentos, engaja-se no debate sobre a América Latina e na construção de uma identidade latino-americana. Seja de forma direta ou por meio de personagens ou eventos fictícios, Márquez faz referências a governos, figuras políticas, fatos históricos e discute questões de identidade nacional ou local. Silva (2016) destaca a obra “Cem anos de solidão”, na qual o autor traça uma espécie de retrospectiva de toda a América Latina em um microcosmo que é a cidade fictícia de Macondo. Lá são debatidos temas como a mistura de etnias, a exploração imperialista, a exploração do trabalho, o papel das ditaduras e as décadas de conflitos entre liberais e conservadores que marcaram a história da Colômbia. Por exemplo, há uma passagem sobre uma indústria bananeira que chega a Macondo prometendo trazer riqueza, mas acaba esgotando a fertilidade da terra e se envolvendo no desaparecimento de camponeses. Trata-se de uma referência à empresa *United Fruit*, dos Estados Unidos, que se instalou na região no final do século XIX e fez fortunas explorando a terra e os trabalhadores.

Outra forma de utilização da ficção se dá com o objetivo de construir mitos políticos, que segundo Girardet (1987) são fabulações capazes de criar heróis que representem símbolos e ideais vinculados a povos e nações. Nesse sentido, é comum que esses mitos sejam construídos com referência a figuras religiosas, ligando-se a imagens de luz e missões messiânicas. Segundo Carvalho (1990), a figura de Tiradentes, no Brasil, passou a ser cultuada dessa forma após a independência, haja visto que não haviam imagens de sua figura. Assim, muitas obras o retrataram com

cruzes e altares, longas barbas ruivas e com fortes alusões a obras de Pedro Américo e Michelangelo, que lembravam a imagem de Jesus Cristo adotada pela Igreja Católica. Assim como no caso anterior, a figura de Simón Bolívar também passou, em diversas obras, por esse processo de mitificação, tratando-se de um personagem central na narrativa sobre os “libertadores da América”, que são os heróis das independências latino-americanas.

A literatura, portanto, é utilizada para construir ou para analisar narrativas sociais e políticas. Portanto, o escritor, através da ficção, é capaz de promover o debate político sobre grupos, movimentos, ideias, eventos e pessoas reais, auxiliando no entendimento da história e de seus personagens. É justamente isso que Gabo possibilita através de “O General em seu Labirinto”.

2. A trajetória de Simón Bolívar

Simon Bolívar é uma figura que se mistura com a própria ideia de América Latina, tamanha sua ressonância na formação dos países dessa região. Nascido em Caracas em 1783, sua família compunha a chamada elite *criolla*, descendente de espanhóis e proprietária de terras. Com a morte precoce de sua mãe, foi morar com seu tio Carlos Palácios, o qual incumbiu o professor Simon Rodriguez de ser o responsável pela sua educação. Rodrigues foi um personagem marcante na vida de Bolívar, ensinando-lhe os pensamentos iluministas que vigoravam na Europa. (LUDWIG, 1943)

No final do século XVIII, aumentavam as revoltas dos colonos contra a Coroa Espanhola, exigindo maior abertura econômica e autonomia política. Bolívar percebeu a exploração que a Espanha estabelecia e compreendeu que, apesar de seus bens, nunca poderia ser vice-rei ou general, devido à sua origem social. Em um contexto no qual ressoavam a independência dos Estados Unidos, em 1776, e a Revolução Francesa, em 1789, Bolívar desde cedo voltou-se à defesa das independências das Américas. (LUDWIG, 1943).

Aos quinze anos, Bolívar viajou a Madri, onde viveu em meio à corte e retornou à Venezuela casado com Maria Teresa del Toro, também parte da elite venezuelana. Mas, nove meses depois do casamento, Maria falece vítima de febre. Com sua morte, Bolívar deixa seus bens com o irmão e regressa à Europa, onde volta a se encontrar

com Simon Rodriguez e empreende viagem com Alexander Von Humboldt pela Itália. O crescente descontentamento com a Espanha leva-o, em agosto de 1805, a proferir em Roma um juramento que se tornaria conhecido: “Juro perante o Deus de meus pais; juro pelos meus próprios pais, pela honra e pelo meu país, que eu braço não descansará e minha mente não terá paz enquanto eu não tiver rompido as cadeias que me prendem pela vontade e pelo poder da Espanha”. (BOLÍVAR *apud* ALEIXO, 1983, p.27)

No seu retorno à Venezuela, Bolívar adere a grupos revolucionários e deles participa ativamente. No ano de 1810, em meio às guerras napoleônicas na Europa, os chefes liberais veem a oportunidade de planejar uma conspiração. Com o avanço dos franceses na Espanha, forma-se em Caracas a “Junta conservadora dos direitos de Fernando VII”, movimento que também ocorreu em vários países da América Espanhola, considerado precursor das independências. Bolívar é enviado por Francisco de Miranda, líder do movimento, a Londres como embaixador. Retorna três meses depois, em meio a disputas que ocorriam na formação da república. Nesse contexto, as tropas espanholas retomam Caracas provisoriamente e Bolívar foge para Cartagena das Índias. (LUDWIG, 1943)

Em Cartagena, Bolívar (2012) defende a preservação da unidade da Nova Granada e a recuperação do território da Venezuela. Publica uma carta pragmática, na qual defende um governo centralizado, pois não haveria maturidade política na América hispânica para um modelo federalista. Sob o comando de Bolívar, organizam-se tropas que regressam a Caracas em 1813, mas outra vez sem consolidar a ocupação. A resistência dos espanhóis, somada à impopularidade dos próprios comandantes *criollos* (como Bolívar) junto a grande parte da população, conduzem a uma nova derrota. Em 1815, Bolívar se exila na Jamaica. (ZANATTA, 2018)

De Kingston, Bolívar volta a escrever cartas que são publicadas nos jornais locais, nas quais analisa as lutas que estavam ocorrendo. Ainda em 1815, Bolívar escreve uma carta dirigida a um “Cavaleiro de Jamaica”, que ficou conhecida como “Carta da Jamaica”, na qual defende que a melhor solução após a independência seria a união de todos os Estados hispano-americanos em uma espécie de confederação. Por não estarem maduros para repúblicas federais, haveria necessidade de um poder forte e centralizado para organizar essa união, embora reconhecesse a dificuldade:

Já que tem a mesma origem, um só idioma, os mesmos costumes e uma só religião, deveriam, por conseguinte, ter um único governo que confederasse os diversos estados que se venham a formar; mas isto não é possível, porque climas remotos, situações diversas, interesses opostos caracteres dissemelhantes, dividem a América... Como seria belo [...] (BOLIVAR, 2015, p.29)

Em 1816, após visitar o Haiti e conhecer o processo de revolução deste país, Bolívar regressa pela terceira vez à Venezuela. Melhor articulado e contando com o apoio dos escravos libertos, suas tropas avançam pela Venezuela, Colômbia e Equador. Durante a liberação de Quito, conhece e se apaixona por Manuela Saenz, revolucionária com quem viveria um romance que duraria até a sua última viagem. (LUDWIG, 1943)

Já como presidente da Gran-Colômbia, em 1824 Bolívar convida os governos da América para os “Congressos do Panamá”, a fim de colocar em prática seu sonho de confederá-los. Porém, prevaleceram os desacordos entre os países recém-formados, o que resultou em baixa adesão e fracasso do plano. Nesse ambiente fragmentado, acabariam por triunfar personalidades como Francisco de Paula Santander, vice-presidente de Bolívar, que havia sido comandante nas campanhas de independência. Santander, que discordava da forma de governo centralizadora idealizada por Bolívar, acabaria por conspirar pela separação da Colômbia e da Venezuela, que resultaria na dissolução da Gran-Colômbia. (RAMOS, 1968)

Nos últimos anos de presidência, grupos contrários a Bolívar passaram a armar golpes contra ele. O mais conhecido ocorreu em Bogotá, em 1828, onde invadiram o palácio durante à noite e Bolívar só foi salvo devido à astúcia de Manuela, que conseguiu ganhar tempo junto aos conspiradores enquanto ele fugia. É nesse contexto que, com o poder político se esvaindo e a saúde se debilitando, Bolívar decide deixar a presidência e se exilar na Inglaterra. (RAMOS, 1968). Ele empreende então sua última viagem pelo rio Magdalena, a fim de deixar o continente, mas acaba morrendo de tuberculose no ano de 1830, em Santa Marta. A história dessa viagem ficaria imortalizada na obra de Garcia Marques.

Após sua morte, a imagem de Bolívar entrou para a história como símbolo dos movimentos de libertação e de união latino-americana. Seu nome tornou-se onipresente em ruas, praças, cidades e monumentos pelo continente.

Na Venezuela, nos albores do século XXI, Hugo Chávez promoveu a “Revolução Bolivariana”, refundou o país como “República Bolivariana” e usou o nome do libertador a favor da América Latina unida e contra o imperialismo estadunidense. Produções cinematográficas recentes também exploram a figura de Bolívar: o filme “O Libertador” (2014), aborda o personagem de uma forma heroica, ressaltando suas estratégias de batalha e sua ligação com o povo americano; já a série “Bolívar” (2019), transmite uma visão romantizada da vida de Bolívar, enfatizando sua relação amorosa com Manuela Saenz.

O mito, no entanto, também sofreu críticas, sobretudo acerca de suas possíveis tendências autoritárias e centralizadoras. Por exemplo, Karl Marx⁴, em 1857, ao escrever verbetes para uma enciclopédia americana, considerou Bolívar uma espécie de “Napoleão”, que pretendia unir o continente em torno de sua própria figura de ditador.

Garcia Marques, ao explorar Bolívar de maneira mais íntima, o situa entre o mito e o ditador. Apresenta-o na sua complexidade humana e nas contradições do seu “labirinto”.

3. A construção da imagem literária de Simon Bolívar no romance “O general em seu labirinto”

Gabriel García Márquez nasceu em 1927 na cidade de Aracatana, no nordeste da Colômbia, onde passou a infância tendo contato com a literatura. Fez seu ensino médio em Barranquilla e se mudou para Bogotá no início dos anos 40 para cursar Direito, faculdade que abandonou. Trabalhou em jornais da capital e, no fim dos anos 1940, mudou-se para Cartagena das Índias, onde se tornou jornalista. Trabalhou como correspondente internacional na França, nos Estados Unidos e no México, país este no qual permaneceu até o fim da sua vida, em 2014. Seu primeiro romance, “A Revoada”, foi publicado em 1955, seguido de uma extensa obra que lhe traria um prêmio Nobel da Literatura, em 1982, e lhe colocaria como um dos mais importantes escritores de um movimento conhecido como “realismo fantástico”, ou “mágico”,

⁴ “The New American Cyclopedia”, publicada em 1858.

diretamente ligado ao chamado “*boom* latino-americano”. (SILVA, 2016; MARQUEZ, 2020)

Na década de 1950, a Revolução Cubana chamou a atenção do mundo todo não somente para a pequena ilha do Caribe, mas para a América Latina em geral. Aproveitando-se do maior interesse pela região, muitas editoras passaram a divulgar as obras de escritores latino-americanos nos Estados Unidos e, sobretudo, na Europa. Dentre eles, Silva (2016) destaca o argentino Júlio Cortázar, com seu livro “O jogo da amarelinha” publicado em 1963; o peruano Mario Vargas Llosa, com “A cidade dos cachorros”, no mesmo ano; o mexicano Carlos Fuentes, com “A morte de Artemio Cruz” em 1962; e Garcia Márquez, com “Cem anos de Solidão”, em 1967.

O “realismo fantástico” foi um estilo experimental adotado em diversas obras desses escritores, cujo pioneiro pode ser considerado o argentino Jorge Luís Borges. Trata-se da utilização de acontecimentos surreais em um ambiente real, os quais costumavam servir como metáforas para discutir cultura, política e sociedade. No caso do latino-americano, o folclore e a tradição oral são utilizados em grande medida para transmitir a cultura e os acontecimentos das pequenas cidades. (POMBO, 2018)

Em 1989, Gabo lança “O general em seu labirinto”, retratando a última viagem de Simon Bolívar, partindo de Bogotá pelo rio Madalegna e chegando por terra a Santa Marta. Segundo o próprio García Márquez (2020), o interesse pela última do libertador se deu principalmente porque o rio era próximo de onde o escritor nascera e crescera. Este se dedicou por dois anos à pesquisa documental para conhecer pormenores dessa passagem da história de Bolívar, chegando a tomar um barco no rio Madalegna. Segundo Márquez (2020, p. 271), “Minha absoluta falta de experiência em matéria de investigação histórica tornou ainda mais árduo os meus dias”.

O contexto da última viagem do libertador, a caminho da saída do continente, era de perda de poder e prestígio após sua renúncia da presidência. Em 20 de janeiro de 1930, Bolívar apresentou sua renúncia, entregando o poder a Domingo Caycedo no mês de março. Após os preparativos, em 8 de maio deu início à sua jornada. Em junho, seu grande amigo e figura importante nas revoluções hispano-americanas, general Antônio José de Sucre, é assassinado em Berruecos, Venezuela. A notícia atinge Bolívar profundamente. Em setembro, apenas três meses antes do seu falecimento, Rafael Urdaneta toma o poder na capital, o que faz Bolívar novamente

conjecturar um levante, com direito ao anúncio de uma marcha sobre Bogotá, que jamais ocorreu. Em dezembro, Bolívar chega à quinta de San Pedro Alejandrino, na cidade de Santa Marta, já em estado debilitado. Falece no dia 17 do mesmo mês. (LUDWING, 1943)

A viagem representou o último momento de aproximação entre Bolívar e o povo, com manifestações em todas as suas passagens por povoados. Ao longo dela, não apenas o poder político de Bolívar se fragilizava junto com sua saúde física e mental.

3.1 A desconstrução do mito: um Bolívar confuso e fragilizado

Logo no início do livro, a imagem apresentada de Bolívar é a de um homem esquelético, com crises de insônia e febres que vão se agravando no decorrer da jornada. As primeiras descrições o colocam como mais envelhecido para sua idade, com a pele queimada de sol e os cabelos cinzentos. Além disso, aparecem o que García Márquez chama de “crises de demência”, momentos em que não se sabia se o libertador estava delirando ou falando enquanto dormia. Na sua despedida de Bogotá: “Empinou-se para se despedir do presidente interino, e este correspondeu com um abraço enorme, que permitiu a todos comprovar como era mirrado o corpo do general, e como se via desamparado e inerte na hora da despedida”. (MARQUEZ, 2020, p.28)

Ao longo da viagem, a saúde de Bolívar vai se debilitando, pois ele pouco dorme e pouco come. Quando chega à comunidade de Turbaco, sua pele se encontra amarelada, tem dores de cabeça perenes e febre constante. A decadência física é explicitada na seguinte passagem: “Pesava 88 libras, e iria ter 10 menos a véspera da morte. Sua estatura oficial era de 1 metro e 65, mas suas fichas médicas nem sempre coincidiam com as militares, e na mesa de autópsia média 4 centímetros menos”. (MÁRQUEZ, 2020, p.144). Ou seja, o texto vai deixando claro que se trata de um homem próximo da morte, o qual, apesar de sua figura mítica de herói, também é atingido por mazelas mundanas.

García Márquez não deixa de lembrar de fazer referências ao ícone e à imagem de herói de Bolívar. Por exemplo, quando traz a fala do general Mariano Montilla, que diz: “O importante para nós - disse - é que Sua Excelência não diminuiu por dentro.” (MARQUEZ, 2020, p.144). Entretanto, a imagem que prevalece na obra é a de um

Bolívar enfraquecido, fazendo contraponto a esta imagem de libertador forte e invencível. É o que aparece na sequência do diálogo entre Bolívar e uma moça que lhe prestava cuidados de saúde:

Ele tirou a camisa de dormir e pediu à moça que o examinasse à luz do candeeiro. Então ela conhece palmo a palmo o corpo mais estragado que se podia imaginar: o ventre esquelético, as pernas e os braços em pele e osso, e todo ele envolvido numa pelanca glabra de palidez mortal, com uma cabeça que parecia de outro tão curtida estava pela intempérie.

- Só me falta é morrer – disse.

A moça insistiu.

- As pessoas dizem que foi sempre assim, mas que agora lhe convém que todo mundo saiba. (MÁRQUEZ, 2020, p.185):

Apesar da decadência física e política que aparecem na obra, o desejo de retornar ao poder também se faz presente. Entremeadas com percepções realistas das dificuldades, Bolívar faz diversas menções um tanto fantasiosas sobre uma possível volta ao poder. A própria oposição, em algumas passagens do livro, alimentava a ideia de que sua viagem ao exterior seria uma simulação, pois a real intenção seria partir até a Venezuela e retornar com um exército insurrecto. (MARQUEZ, 2020)

O atentado contra Bolívar, ocorrido em Bogotá em 1828, aparece no livro como o evento crucial para a sua saída da presidência. No entanto, até poucos dias antes do ataque, Bolívar não acreditou que isso pudesse acontecer, mesmo diante de vários alertas que recebera. A primeira vez que admite a possibilidade é narrando um pressentimento:

Ele a reconheceu pelos passos e falou sem abrir os olhos:

- Vai haver uma insurreição.

Ela não dissimulou a raiva debaixo da ironia:

- Parabéns – Disse – Pode haver até dez, tamanha a atenção que você dá aos avisos.

- Só acredito em pressentimentos. (MÁRQUEZ, 2020, p.60-61)

Após o atentado, um tribunal foi estabelecido com a finalidade de investigar e punir os possíveis culpados. De um lado, “[...] os sediciosos iriam justificar o atentado alegando os poderes extraordinários de claro espírito ditatorial que o general tinha assumido três meses antes” (MARQUEZ, 2020, p.59). De outro, os defensores de

Bolívar fariam o possível para incriminar quaisquer que fossem os suspeitos, o que resultaria em exilados e fuzilados. Na narrativa de Garcia Márquez, as punições excessivas aparecem como uma última mancha na história do general. Em uma passagem em que o autor emprega ironia, Bolívar quer saber do paradeiro de sua amiga Josefa Sagraria. Ao saber que fora exilada e colocar a culpa em Santander, Bolívar é alertado de que ele próprio a havia desterrado na Itália:

- Perseguição de Santander, com certeza – Disse o general.
- Não general – disse o vigário. - O senhor mesmo os desterrou sem saber, por causa daquelas trapalhadas do ano de 28. (MARQUEZ, 2020, p.122):

Nos anos finais da vida do libertador, Gabo faz referências ao mito do herói, que ainda era vivo entre as pessoas. Porém, a imagem que prevalece é das derrotas políticas e da decadência física de quem se aproxima da morte, mostrando um Bolívar com frequentes confusões mentais. Apesar da decisão de deixar a presidência, o livro indica que Bolívar teve dificuldades de renunciar ao poder e de reconhecer as próprias fraquezas e a conjuntura desfavorável.

3.2 A relação de Bolívar com Manuela Sáenz

O primeiro casamento de Bolívar é apresentado como algo de impacto menor na vida do libertador. A família de Maria Teresa del Toro possuía um rico engenho chamado San Mateo e compunham a aristocracia *criolla*, o que poderia proporcionar a Bolívar uma vida tranquila nesse meio. Garcia Márquez (2020) escreve que nunca se soube se a morte de Maria Teresa se deveu a um acidente doméstico ou a uma febre maligna, mas que aquilo havia significado o nascer para a história do general. Ou seja, dá a entender que, se Bolívar permanecesse naquela relação, possivelmente não teria percorrido a trajetória política que marcou a sua vida.

Sua relação com Manuela Sáenz é apresentada como oposta. Manuela havia sido casada com James Thorne, um cavalheiro inglês estabelecido na aristocracia de Lima, de quem se separou para viver o romance com Bolívar. García Márquez (2020, p.157) a descreve como “[...] astuta, indômita, de uma graça irresistível; possuía o sentido do poder e uma tenacidade a toda prova. Falava o bom inglês, por causa do marido, e um francês primário, mas inteligível”. Se tornaria adida do Estado-maior de Bolívar na patente de coronel, além de ser a guardiã de seus arquivos. No episódio

do atentado de 1828, Manuela aparece como uma figura de bastante lucidez, nos quais Gabo exalta suas ações perante os invasores:

Com uma astúcia e uma valentia já demonstradas em outras emergências históricas, Manuela Sáenz recebeu os atacantes que forçavam a porta do quarto. Perguntaram-lhe pelo presidente, e ela disse que estava no salão do conselho. Perguntaram-lhe por que estava aberta a porta da sacada numa noite tão fria, e ela disse que a abria para ver o que eram os ruídos que vinham da rua. Perguntaram-lhe por que a cama estava morna, e ela disse que se deitara sem se despir a espera do presidente. Enquanto ganhava tempo com a parcimônia das respostas, fumava a grandes baforadas um charuto de carroceiro dos mais ordinários, para encobrir o rastro fresco de água-de-colônia que ainda permanecia no quarto. (MARQUEZ, 2020, p.60)

García Márquez apresenta Bolívar e Manuela como muito apegados entre si, mas com um romance tanto tórrido quanto tumultuado. Nos períodos que passavam juntos, oscilavam entre brigas e paixões: “[...] longes iam os tempos em que estivera a ponto de lhe mutilar uma orelha a dentadas, numa briga de ciúmes, mas seus diálogos mais triviais ainda costumavam culminar nas explosões de ódio e nas ternas capitulações dos grandes amores”. (MARQUEZ, 2020. p.30).

Nos longos afastamentos devido às andanças de Bolívar, este mantinha relações com outras mulheres. Mas o autor menciona que Manuela acompanhava Bolívar em algumas viagens. Na última viagem do general, Manuela pretendia acompanhá-lo, mas acabou desistindo. Isso gerou rumores de que Bolívar não partiria:

- E que se diz por lá?
 - Que não é verdade que o senhor vá embora – disse O'Leary.
 - Ah! - disse o general – E por quê?
 - Porque Manuelita fica.
- O general retrucou com uma sinceridade desarmante.
- Mas se ela sempre ficou! (MARQUEZ, 2020, p.155):

Em Santa Fé, o novo governo solicitou a Manuela que entregasse os documentos que tinha do general. Após recusar, ela iniciou provocações contra o governo, “[...] armava escândalos, distribuía folhetos glorificando o general, apagava as inscrições a carvão nas paredes públicas, ajudada por duas de suas escravas guerreiras”. (MARQUEZ, 2020, p.196). Além disso, empreendeu uma verdadeira guerra contra a imprensa que distribuía insultos ao general, assumindo de vez seu papel de “primeira Bolivariana da nação”.

Após a morte do general, Manuela se tornou, de forma concreta, a guardiã de suas arcas com papéis. Santander a desterrou na primeira oportunidade, fazendo-a

vaguear pelo Pacífico, terminando em Paita, no Peru, onde permaneceria. García Márquez ilustra seu abandono, ao mesmo tempo em que ressalta sua importância, através das ilustres visitas que recebeu no exílio: “três visitas memoráveis a consolaram de seu abandono: a do professor Simon Rodriguez, com quem compartilhou as cinzas da glória; a de Giuseppe Garibaldi, o patriota italiano que voltava de lutar contra a ditadura de Rosas na Argentina; e a do romancista Herman Melville”. (MARQUEZ, 2020, p.261)

Assim, Garcia Márquez entrega detalhes da convivência de Bolívar e Manuela e da leitura política astuta que esta costumava fazer. Já afastados, Bolívar confessa a seu acompanhante José Palácios: “Nunca mais tornarei a me apaixonar... É como ter duas almas ao mesmo tempo”. (MARQUEZ, 2020, p.155).

3.3 As divergências com Santander e a unidade da América Hispânica

No livro, muitas das confissões de Bolívar eram feitas a José Palácios, ajudante que o acompanhou até o último de seus dias. Palácios foi um escravo criado na casa de Bolívar, que se tornou seu mordomo, acompanhantes nas suas viagens, confidente mais próximo e auxiliar em diversas atividades, que iam desde banhos até a organização da agenda de Bolívar. Palácios era sempre solícito e respeitoso com as opiniões do general e costuma repetir a seguinte frase: “O que o meu senhor pensa, só o meu senhor sabe.”

As passagens de José Palácios⁵ servem, em sua maioria, para que Bolívar possa exteriorizar algum pensamento ou confissão. Em algumas delas, se refere a Santander, que foi provavelmente o político com que teve a relação mais complexa: partiria:

- A noite inteira sonhei com Cassandro – falou.
Era o nome pelo qual chamava em confiança o general granadino Francisco de Paula Santander, seu grande amigo de outro tempo e seu maior contraditor de todos os tempos... (MARQUEZ, 2020 p. 57-58)

Francisco de Paula Santander, a quem Bolívar chamava de “Cassandro”, foi o segundo homem da independência da Grã-Colômbia e o primeiro a buscar

⁵ A vida de José Palácios, apesar da grande presença, é pouco explorada na obra. É dito que, após a morte de Bolívar, acaba sem rumo, morrendo alcoólatra em Cartagena.

sustentação jurídica para as repúblicas nascentes. No livro, é descrito como enérgico e competente, além de ter um estranho gosto pela crueldade.

Bolívar e Santander foram companheiros por muitos anos na luta pela independência dos países hispano-americanos, mas logo após as conquistas suas divergências foram se tornando mais claras. Garcia Márquez narra que, segundo se dizia na época, alguns motivos seriam as glórias que Bolívar tomava para si, em lutas nas quais Santander teria tido maior participação. Por exemplo, na retomada de Caracas das mãos dos espanhóis. Além disso, se tornaram constantes entre ambos as divergências políticas sobre os rumos do governo.

Nesse contexto, Garcia Marquez afirma que, em meados dos anos 20, parte da imprensa colombiana, em alinhamento com Santander, passou a atacar Bolívar e a diminuir suas glórias. Dizia-se que muitas das batalhas perdidas tinham acontecido pelas aventuras noturnas de Bolívar e que sua tendência ditatorial poderia destruir o continente americano. Desse modo, a relação caminhou para o afastamento: “Sua inimizade com Santander era então de domínio público, ao extremo de que se negara a continuar recebendo cartas dele, porque já não confiava em seu coração nem em sua moral. “Poupe-se o trabalho de me chamar seu amigo”, escreveu”. (MARQUEZ, 2020. p.120)

Para García Márquez (2020, p.123), ambos divergiam sobre temas diversos, como os privilégios entregues a outros generais, a constituição idealizada no Peru e as presidências vitalícias na Gran-Colômbia. No entanto, para Bolívar, a causa principal do afastamento era outra: “A verdadeira causa foi que Santander não pôde assimilar a ideia de que este continente fosse um único país”. Bolívar dá a entender que Santander não teria a grandeza para assimilar o projeto da pátria grande, pois este não passava de um burocrata. “A unidade da América ficava grande nele”. Para um “homem de leis” como Santander, os desejos de Bolívar soavam ditatoriais e iam contra a forma republicana que idealizava aos países.

Ao longo de toda a obra, são constantes as referências de Bolívar à união da América Hispânica. Em uma passagem em que almoça com correligionários, é descrita uma frase de Bolívar, dita na época da revolução contra os espanhóis:

Durante o almoço não prestou atenção a ninguém senão a seus próprios fantasmas. Falou sem parar, num estilo doutoral e declamatório, soltando

sentenças proféticas ainda sem cozinhar, muitas das quais estariam numa proclamação épica publicada dias depois num jornal de Kingston e consagrada pela história como Carta da Jamaica. "Não foram os espanhóis, mas nossa própria desunião o que nos levou de novo à escravidão", dizia. (MARQUEZ, 2020, p.56)

O sonho de Bolívar é transmitido no livro como uma luta impossível, pois tornar a América do Sul a maior nação do mundo seria uma utopia. Apesar de defender a união, Bolívar entendia que o modelo federalista estava acima das possibilidades da América hispânica. O general Sucre transmite essa dificuldade ao dizer que "[...] o que falta não é um presidente, mas um domador de insurreições". (MARQUEZ, 2020, p.26). Em uma passagem referente ao momento pós-independência, mesmo diante de uma conjuntura completamente desfavorável, Bolívar ainda insiste na importância da unidade: espanhóis:

[...] a bordo do navio a vapor, como o chamava, a obra de emancipação já se concluíra, mas seu sonho quase lunático da integração continental começava a se despedaçar. Naquela última viagem, o sonho já estava liquidado, mas sobrevivia resumido numa única frase que ele repetia sem cansaço: "Nossos inimigos terão todas as vantagens enquanto nós não unificarmos o governo da América". (MARQUEZ, 2020, p.70).

A formação dos grupos de poder na América hispânica e suas divergências de interesses e ideias, é debatida pelos personagens do livro e apresentada como o grande problema da unificação. A confusão generalizada sobre os rumos das novas repúblicas é resumida na frase de um soldado, quando se dirige a Bolívar e diz: "Já temos a independência geral, agora nos diga o que fazer com ela". (MARQUEZ, 2020, p.104).

Apesar das derrotas e dificuldades, Bolívar mantinha-se fiel ao sonho de unificar a América Hispânica, o que aparece em frases como "Nossos inimigos terão as vantagens enquanto nós não unificarmos o governo da América". (MARQUEZ, 2020. P. 103). Em uma conversa que travou com seus apoiadores, Bolívar os incentiva a perseguir o sonho de "uma só pátria":

- A independência era uma simples questão de ganhar a guerra – dizia-lhes – Os grandes sacrifícios viriam depois para fazer destes povos uma só pátria.
- Não temos feito outra coisa senão sacrifício, general – diziam eles. Ele não cedia um ponto.
- Faltam mais – dizia. - A unidade não tem preço. (MARQUEZ, 2020, p. 105)

O congresso do Panamá havia sido sua maior tentativa de unificação. Garcia Márquez traz um Bolívar crítico ao papel dos Estados Unidos na iniciativa, atribuindo a eles um possível boicote. O general critica o convite que Santander teria feito aos Estados Unidos para participar do congresso:

Repetiu pela milésima vez a ladainha de que o golpe mortal contra a integração fora convidar os Estados Unidos para o congresso do Panamá, como fez Santander por sua conta e risco, quando se tratava de nada menos que proclamar a unidade da América. - É como convidar o gato para a festa dos ratos – disse. - E tudo porque os Estados Unidos ameaçavam nos acusar de estar transformando o continente numa liga de estados populares contra a Santa Aliança. Quanta honra! (MARQUEZ, 2020, p. 192).

É possível que a crítica aos Estados Unidos tenha sido influenciada pela própria época em que García Márquez escreveu, a Guerra Fria do século XX. No entanto, fica claro que o autor apresenta um Bolívar ciente de que a unificação da América Hispânica era contrária aos interesses da nação que se construía ao norte do continente.

Bolívar também demonstra ser crítico da Europa. Em certo ponto, um francês diz que os americanos deveriam seguir o exemplo de Bonaparte, mas Bolívar o responde que “Os europeus pensam que só o que a Europa inventa é bom para o mundo, e que tudo o mais é execrável”. (MARQUEZ, 2020, p.128).

Em síntese, Bolívar declara que sua pátria é a América e não cansa de defender a unificação. Porém, reconhece que a união não era possível: “Para nós a pátria é a América, e ela toda não tem jeito”. (MARQUEZ, 2020, p. 117) 155).

3.4 O general em seu labirinto

García Márquez apresenta um Bolívar repleto de contradições, o que é retratado não apenas pelas dúvidas e hesitações, mas por algumas confusões mentais do libertador. O realismo fantástico que caracteriza o autor também se faz presente para expressá-las, quando o próprio general mistura aspectos reais e imaginários. Isso fica exposto na passagem na qual Bolívar chega a Santa Cruz de Mompox e adentra o Colégio São Pedro Apóstolo, dizendo:

- Enfim, alguma coisa que continua igual.
O padre se surpreendeu.

- Perdão, excelência – disse – mas até onde chegam minhas luzes o senhor nunca esteve aqui.

José Palácios também se surpreendeu, pois nunca haviam visitado aquela casa, mas o general persistiu em suas lembranças com tantas referências exatas que todos ficaram perplexos. Afinal, tentou reconfortá-los com a ironia costumeira.

- Talvez tenha sido em outra encarnação – disse. – Afinal de contas, tudo é possível numa cidade onde acabamos de ver um excomungado caminhando debaixo do pálio. (MARQUEZ, 2020. p.114).

No fim de sua jornada, Bolívar está enfermo e praticamente derrotado. Mas, diante de uma nova mudança de poder ocorrendo na Colômbia, e do governo da Venezuela negando-se a cumprir acordos enquanto o general estivesse no continente, Bolívar é tomado novamente pela vontade de retornar à luta e “[...] começar de novo, do princípio, sabendo que o inimigo estava dentro e não fora da própria casa”. (MARQUEZ, 2020. p.204)

Durante a viagem, Bolívar escreveu cartas e montou estratégias fadadas ao fracasso. Porém, o próprio doutor que os acompanhava se surpreendeu com o poder que seus rompantes de ira tinham em diminuir as dores do general. Gabo, novamente, retrata uma vida de luta que insiste em permanecer até o fim, mesmo quando as forças físicas e políticas abandonam Bolívar. Ao mesmo tempo, o general demonstra ceticismo e desencanto. Em certo momento, diz que a “América é um meio globo que ficou louco” (MARQUEZ, 2020, p.77). Ao ditar uma de suas últimas cartas, fica evidente seu pessimismo, na qual expressa a famosa frase de que a América seria ingovernável: dizendo:

[...] começou por ditar a José Laurêncio Silva uma série de notas um tanto desconexas que expressavam tanto os seus desejos como os seus desenganos: a América era ingovernável, quem serve a uma revolução ara no mar, este país caíra sem remédio em mãos da multidão desenfreada para depois passar a tiranetes quase imperceptíveis de todas as cores e raças [...]. (MARQUEZ, 2020, p.257):

Essas percepções contraditórias permanecem até o fim. Na sua última jornada, Bolívar navega sem um rumo claro entre revoluções, amores, unificações e derrotas, incapaz de chegar a um lugar definitivo, deixando processos abertos e inconclusos. Em certo ponto do romance, Bolívar reconhece que, em um cenário de tantos impasses, estava condenado a um destino de teatro. Nesse momento, Gabo traz uma

declaração síntese: “- *Carajos!* - suspirou – Como vou sair deste labirinto?” (MARQUEZ, 2020, p. 183)

Considerações finais

A obra “O general em seu labirinto” é uma prova da fecunda possibilidade de aproximação entre literatura ficcional e estudos sobre política. García Márquez capta características de Bolívar que tornam muito mais rica a compreensão sobre o personagem e seu tempo histórico.

A representação predominante sobre Bolívar, nos séculos XX e XXI, foi do heroísmo resultante da sua capacidade estratégica, habilidades físicas e discursos poderosos. Todos esses atributos são invertidos por García Márquez, ao trazer um homem debilitado, envelhecido e humano, a fim de desconstruir a figura imortalizada do libertador. Ao mesmo tempo, o autor apresenta um Bolívar disposto a lutar mesmo perdendo as forças, persistindo em planos revolucionários, retomadas e conspirações até seus últimos momentos. Trata-se do retrato de um misto de persistência e teimosia, que o humaniza perante o leitor.

Gabo também traz à tona personagens decisivos na vida do libertador. Destacou-se neste artigo o papel de Manuela Sáenz, a qual, com sua tenacidade revolucionária e clareza de análise, oferece um toque de equilíbrio e lucidez na vida de Bolívar – embora Gabo não deixe de apresentar a intensidade das paixões do casal. Santander aparece como um personagem ao qual Bolívar devotava ressentimentos e admiração. Seu antigo vice-presidente é apresentado como a antítese do general, sendo apegado às leis e ao pragmatismo governamental; já em Bolívar, aparece mais destacado seu lado idealista, sobretudo por manter fixa a ideia de uma América hispânica unida. Na obra, Bolívar e Manuela, bem como Bolívar e Santander, aparecem como personagens políticos complementares.

García Márquez consegue transmitir o sonho impossível de Bolívar, de unir a América Hispânica, como uma característica perene do general. Esse sonho aparece mesclado com desencanto e possui um caráter essencialmente contraditório: enquanto reconhece a necessidade de um poder fortemente centralizado, Bolívar censura a unificação sob um regime ditatorial. O general, portanto, flerta com a

necessidade do poder autoritário, ao mesmo tempo em que o rechaça; sonha com a unificação e a incentiva, ao mesmo tempo em que duvida que ela seja possível.

Em síntese, Bolívar morre vendo que as lutas intestinas que passaram a prevalecer nos novos países iam contra a liberdade que ele mesmo lutara para conquistar. E que os sonhos de uma América Hispânica unificada, com governos unidos e independentes, despedaçavam-se em meio a essas batalhas sem fim. Entre utopias e desilusões, a morte de Bolívar parece ser a única saída do labirinto onde se meteu, findando-se uma vida que “[...] nunca mais, pelos séculos dos séculos, voltaria a se repetir”.

Referências bibliográficas

Aleixo, JCB. (1983). Visão e atuação internacional de Simon Bolívar. *Informação legislativa*. ed. 20, n. 80, out/dez. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/181471> Acesso em 30/01/2022.

Bolívar, S. (2015). *Carta de Jamaica*. Caracas: Republica Bolivariana de Venezuela.

Bolívar, S. (2012). *Manifiesto de Cartagena*: Memoria dirigida a los ciudadanos de Nueva Granada por un caraqueño. Bogotá: Ministerio de Cultura Republica de Colombia, 2012.

Carvalho, JM. (1990). *A Formação das Almas*. São Paulo: Companhia das Letras, Chartier, R. (1999). Literatura e História. *Topoi*, n. 1, p. 197-216.

DUARTE, João de Azevedo e Dias. Em busca de uma “poética diplomática”. *Topoi* v.15 n.28 Rio de Janeiro Jan./June 2014.

Girardet. R. (1987). *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das Letras.

Gonçalves, CC. (2018). Literatura e Política: Uma introdução. *Revista do programa de letras e linguística – PPLN*, n. 36, jul-dez. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/33978> Acesso em 30/01/2022.

Ludwig, E. (1943). *Bolívar: Cavaleiro da Glória e da liberdade*. Porto Alegre: Livraria do Globo.

Márquez, GG. (2020). *O general em seu Labirinto*. Rio de Janeiro: Record.

Napolitano, M. (2011). A relação entre Arte e Política: Uma introdução teórico-metodológica. *Revisa Temáticas*, 19(37/38): 25-56, jan/dez. Disponível em:

<https://docplayer.com.br/89200-A-relacao-entre-arte-e-politica-uma-introducao-teorico-metodologica.html> Acesso em 30/01/2022.

Pombo, FR. (2018). Como Cem Anos de Solidão redefiniu a América Latina. *BBC News*, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-cul-44663439> Acesso em 30/01/2022

Ramos, JA. (1968). *Historia de la Nación Latinoamericana*. Buenos Aires: Congreso de la Nación Argentina.

Silva, BF. (2016). A identidade latino-americana em Cem Anos de Solidão (1967), de Garcia Márquez. São Paulo: *Revista Epígrafe*, v. 3, n.3, p. 157-170.

Zanatta, L. (2017). *Uma breve história da América Latina*. São Paulo: Cultrix, 2017.